

Divirta-se

SOM



Alan, do Latitude: muito feeling.

Mudando de disco. Com feeling.

Muita gente pensa que o discotecário é apenas a figura que fica na cabine de som, afastado do público, tendo como função ficar mudando a música a noite toda. Na verdade, até existem alguns assim, mas um "D.J." (disc jockey) verdadeiro é aquele que usa e abusa da criatividade, para fazer mixagens, tem jogo de cintura para saber selecionar músicas, e o mais importante: é quem faz e segura o sucesso de uma casa. Uma categoria profissional pouco valorizada no Brasil, mas que no Exterior chega a receber até 300 dólares por uma noite de trabalho.

Índio (ex-Hippopotamus, Latitude 3001, Happy Days e o antigo O Ponto) e Marcelo (ex-Pool Music Hall) pilotam a cabine de som do Area (rua Pinheiros, 1.275), uma das mais sofisticadas da cidade. Os dois "D.Js." tem como meta o renascimento do som discoteca, que está voltando nas danceterias novaiorquinas. Para Índio, a seleção é feita com a **new disco** mesclada com rock e um pouco de música brasileira". O jogo de cintura é posto a prova com a escolha do que vai animar a pista. Índio e Marcelo já colocaram Bill Haley, o grupo texano Z. Z. Top, Led Zeppelin e até Gal Costa. "Tudo depende da noite." Mas o destaque é para os grupos e cantores **disco**: Baltimora; Rick James; Lime; Aretha Franklin, e o novo disco de Steve Wonder. Grande parte desses discos são importados e chegaram até o Area através de Ricardo Bezerra, relações públicas da casa, que antes da inauguração passou alguns dias pesquisando entre as novidades de Nova York.



Magal e Marquinhos, do Madame Satã.

Já Magal e Marquinhos do **Madame Satã** (rua Conselheiro Ramalho, 873) trabalham de forma diferente. A diferença está na proposta do lugar, que dá ênfase para a vanguarda européia e para as bandas independentes inglesas. Entre os grupos constantes do **Madame Satã** estão: The Cult, Lloyd Cole, The Sisters of Mercy, Tones on Tail, e Echo and The Bunnymen. Magal explica que o critério de seleção é feito através de pesquisas em revistas especializadas e em discos importados que recebe de alguns conhecidos do Exterior. "A nossa proposta é mostrar a coisa nova. Existe um intercâmbio de informação entre nós e os frequentadores. Quando coloco algum grupo desconhecido, eles ficam interessados em saber do que se trata. Outras vezes, eles trazem discos novos, que a gente acaba tocando." Para Magal, seu trabalho não é só feito para as pessoas dançarem, funciona muito mais como um pólo de informação musical.

O **Latitude 3001** (av. 23 de Maio, 3.001) não quer fazer renascer nenhum gênero nem pretende ser vanguardista. A proposta defendida pelo "D.J." Alan (ex-Victoria, Saint Paul e Oba Oba Brazil, de Nova York) é tocar a música comercial. O que ele mais programa são os grupos como U2, Smiths, Tears for Fears e os cantores Billy Idol e David Bowie. Devido à diversidade do público que frequenta o **Latitude 3001**, não é possível manter uma linha exclusiva de som. Por isso, do toca mais tecno-pop e **new wave** e um pouco de novo rock brasileiro". É através dessa variedade de estilos musicais que Alan aproveita para colocar alguns grupos desconhecidos, fazendo com que as pessoas assimilem um novo som. Para fazer isso, Alan procura a perfeição nas mixagens, combinando o balanço das músicas comerciais com o das novidades.

O trabalho dos "D.Js." é explicado pelo Índio e tem a concordância geral entre a classe: "Para ser um bom "D.J." é obrigatório ter muita criatividade. Mas, em primeiro lugar é preciso ter muito **feeling**, sentir o clima da pista, gostar muito de música certa na hora certa. Com isso, somos capazes de movimentar uma pista na maior animação até de manhã".



Índio e Marcelo, da Area.